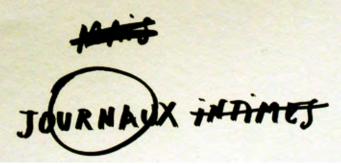
- Qu'en penses tu?
- Porrquoi pas?
- Por quoi pas m'intrique to vjours, mais et n'est pas aussi génant que "oquoi de neuf?"
- Quoi d'étonnant me plait.
- Je n'ai jamais rien de neuf à dire. Et pour tant je réponds.
- Comme un journal.
- Comme d'habitude...

## O que são, guardados agora, os teus cadernos?



Revista Criação & Crítica n.4, abr/2010

Como escrever junto

de alguém? do outro que fui? dos objetos que me cercam? das superfícies de inscrever? das máquinas de escrever? do corpo-máquina de escrever?

dos materiais que envelhecem? da memória?

da vida cotidiana?

do imprevisto?

do improviso?

das contraintes?

do dicionário?

do leitor?

destas perguntas — pelas quais nos deixamos seduzir e que serviram de mote para inventar um jogo de escrever...

Artigo recebido em: 09/03/2010 Artigo aprovado em: 09/03/2010

**Referência eletrônica**: COELHO, Ana Amelia; TOMMASO, Mário, PESCE, Priscila. "O que são, guardados agora, os teus cadernos?". *Revista Criação & Crítica (online)*, n. 4, pp.259-271, 2010. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/dlm/criacaoecritica/dmdocuments/21CC\_N4\_CoelhoPesceTommaso.pdf

Numa caixa de sapatos estão guardados os negativos de fotos que não existem mais; elas foram recortadas e queimadas. Abrir a caixa traz à mente textos meus: um conto para o meu irmão, um soneto sobre a chegada da família real portuguesa em 1808, um poema sobre a chuva. Onde foram parar? Por que me fazem falta? Seria porque das páginas perdidas restam pedaços que pouco dizem, porque só sobraram trechos na memória?

Mas escrever e guardar, Sr. Fef-Mas escrever e guardar, sr. Fer fer, com que fim? Em negativo, em retalhos como Cecília, criança em retalhos como Cecília, criança frente ao espelho, aquela imagem Então escrever para guardar e ao por querer o encontro?

CAIXA DE SAPATOS: ampara, como a uma ideia fixa, o objeto que nos liga, sem nos ferir, ao chão. Mas também é recipiente comum de objetos da amizade entre mim e o que de mim passou. Guardar: negativos. Mas não se olha duas vezes a mesma foto: ela é outra pois são outros os olhos sobre ela, olhos sobre um outro. São como fotos de nossos irmãos, outros filhos dos nossos pais, para quem se escrevem contos. Escrever: guardar

Cecília, parece que algo mudou? Em nossos preparativos, que convites se fizeram, com que cuidados pela presença (distante, constante) do outro, em uma escrita toda futuros: o que escrever (será um duo com a desarmonia dos diálogos verdadeiros?), que contraintes usar, como disciplinar-se, como dar a ler, que nexos há entre Krapp, Gargantua, um nome, nossos nomes, pour-Auoi écrire? Parece que algo mudou?

Sim, Sr. Feffer, algo mudou; como os e trazem resquícios. As contraintes estão aqui menos para guiar do acceptance de la contrainte de la cont para surpreender: tanto eu como você, como todos os nossos outros, como também as vozes afastadas de Krapp e as congeladas de Gargantua, como vieram comigo o espelho fendido de Leiris e os graffitis entrelaçados de Cortázar. Mudou.

; Hist ca:

Como "pintar a passagem"? se tudo muda e o que fica é a mudança; se uma contrainte jamais abolirá surpresas. Parece trabalhoso demais não considerar o tempo em todas as metáforas em que ele assume formas fixas no espaço: mesmo a de um fio, de um rio; representar sem cortes ou abismos o que a experiência diz. (Álvaro de Campos: Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.)

Ou o fim de escrever, "in fieri" e dectinar mensagens as que um en projeta de si no horizonte, desejando. Sob pena de se ins viever, de tiranizar a imagem de um eu: ainda que minisculo, um mito. Não faz mal. A finalidade de les a si mesmo (or melhor, le les a si ortro) à perceber-se tran citério: "par querer" é tão casual! Como no "Krapp", imaginar manuscritor llegíreis para o ren autos. Imaginas: werever, trabalho sem fing ...

Imaginar : escrere e trabalho sem

O texto termina quando a acentura começa. Porque antes, ele está lá, tecto, letra morta, ideia fixa resistindo à vida. Um texto não termina se amarradas umas frases para que se diga - "Veio à luz!" - assimele apenas se torna artro. O texto termina quando cala letra oflora para cada um. Quel dizer, o tex to termina em soa superficie e não em soa extensão. Todos esses livros fechados nessa biblioteca: eles nonca terminam

rda CA TERTITARIT

nunca terminam

Annea terminans

nunca terminam

NUNCA TERMINAM

263

muca teruman

O texto então transbo a forma por onde o olho se move: o texto, mesmo atado à ideia fixa, oscila no outro, muda de cor. Mas não dá medo o irreversível, finda a palavra parada e o futuro outrora escuro na tinta? O texto procura o cálido conforto das coincidências e o sorriso das afinidades? Ou antes, é possível, haveria um eu indeciso, que não se vê em lugar nenhum por toda parte e quer não-e-sim? A intermitência lhe é permitida?

E quando no sem fim o transitório persiste, apesar da escrita? Quando o traço estrangula, a γοz ηão se permite o silêncio da caixa, da gareta e do tempo, o arquiro é sempre braηco e ηογο, o mito reverbera para calar o futuro, o ontem impera? Como dizer ao texto que ele não é mais eu, que ele não pode, que mesmo legível e límpido lembra o recordado, ainda forte, não diz o presente? Se escrever é sem fim, como um texto termina? Sem mim?

> As intermitências do outro. Durante a tradução de Águia de duas cabeças de Jean Cocteau, em nosso grupo havia três atores. O francês era a casa de um; o palco, o país do outro; a poesia, o palco do terceiro. A cada palavra – esta, por exemplo – as versões de cada um eram bramidas aos demais. A cada dia seguinte, a versão de um dos amigos parecia a cada outro a melhor, perfeitamente: três cabeças, muitos dias, traduções infinitas.

nam

projetam nas folhas amarelas do fragmentos da sua presença, a respiração das suas ideias, saberes, crenças, experimentos, invenções, que vaza da ponta do lápis como toda a história vaza seu outro-eu no passado ainda

Se o passado é alvo, um anseio, não significa que ele vem do

Cecília, quando foi que, de tanto uma viagem é neutra? Quando escrever / ler se perfaz em tramas de prazer? Quando o cuidado é natural? escrever / ler se perfaz

em tramas de

dor? Há dor, prazer entre nós?

264

> For ell que me inventor, o papel now. O Incretto le du mo vago araso da presene, av virar numa rua describecida cruzamento de linhar, nomes, numeros sa cores, como o contar de um a dez do gogo da rimarelinha. Opapel lange perguntar silencionas. O ourido ce atende à milodia da grafite e da sonta de finta amo repassio da agulha sobre o unil: or doir, com encoutro marcado ou mapa, bartam-se nar einhar gue particham

## atravessa?

Que caminhos Sonho da Ciça criança: debaixo sem fim o texto da cama, um copo de leite com chocolate; a mão desperta procura sai pelas escadas, a voz chorosa nada encontra - a não ser falta do sonho, gana de voltar a ele, repetir o encontro; ocupar Contrainte: modo de usar o casas diferentes, no exercício de imprevisto que nos controla? Por ser outra voz que entra numa língua estrangeira (ou opera uma máquina de voltar atrás).

Não. E por isso: tantas coisas que começam e talvez terminam como um jogo, suponho que te fazia graça en-contrar o desenho ao lado do teu, atribuíste-o a uma casu-alidade ou a um capricho e só na segunda vez te deste conta de que era intencional e então olhaste-o com atenção, inclu-sive voltaste mais tarde para olhá-lo de novo, tomando as precauções de sempre: a rua em seu momento mais solitário...

Kenno

DOO SE QUEERA JE SAIR DO

será assim?

ue caminhos infinitos estão se entreabrindo no papel?

que escolher contrainte? O que ela deve conter? Há outra maneira de contar o dito, o concreto? O que quebra a contrainte (e o jogo) senão aquilo que os movia? Como viver junto? O aquário se parte, a água se perde e os peixes sufocam – peixe e plateia são a mesma coisa, reflexo distorcido no vidro? Ao menos a função da contrainte se cumpriu? Éra esse o

Mas o jogo de algum modo se quebra. As regras (sempre tão brancas) de um jogo preservam seu mistério, que é também o chão para os jogadores. Eles - gargantica são envolvidos por algo que os deseja, e assim a alegria emerge só por se observarem os próprios desejos como num aguário, um tablado, uma tela. Úma contrainte não pede exolicação. Por isso as causas do texto não são contraintes) e de algum modo o jogo se quebra.

> Apareceu na vida daquela ersonagem uma presenca. m resposta a um desejo que he foi sempre secreto (mes mo sua existência lhe era devaneio, ou ficção). Essa outra presença alegrava por si só ou pelo o futuro que evo ava: o fim de um monólogo, o alco partilhado. A ideia era colocar na vida o que não

Concreto é o trabalho de fazer um acidente pensar e, nisto, fazer do próprio pensar um acidente. A escolha de um tal trabalho parece conter o desejo de sofrer: como se sofre o outro para viver junto. E não é sofrer, lido em Drummond, a chave da unidade do mundo? Assim as águas

vertidas do aquário arranjamse novas figuras e transformam o espaço. E os peixes... Ah, os peixes conquistam a liberdade! Ela não é sempre uma outra coisa?

vida o que não
mais Cabia

naquele palco de limites desconhecit
Mas ao papel tudo voltava, parecie

Sim! Durante uma projeção de Limite, a película explodiu na tela e se perdeu. O olho, à deriva, corre o risco da lâmina, coleciona fraturas, chifres, marfins: tipos de ilécebras. Escava a superfície das palavras, revolve a terra, dá a elas adubo - restos despedaçados que dissolvidos, do adormecer ao despertar, da pergunta-resposta à resposta-pergunta, na pontuação, mexem os espaços em branco que separam as falas que agui se colocam.

pqrstuvwxyz

ABCDÉFG

grstuvwxyz

Estes fragmentos a cada dia revisitados produzem coceiras na ponta dos dedos, de uma vibração mais ligeira que a faísca negra do cursor. Se fossem manuscritos. whi

minrponitilidades

minremililitales

micro formiti lide de

pareceriam com mais efeito que são de outros autores?

The generance as "Palawier degelar"

Emgra Exhangerra dos sonlas

volta ao co

Ilécebras! Como as da pétala ao inseto. Como as de Beckett o provedor da banana (esse palimpsesto em fruto) ao Krapp-clown (com mais um número pastelão no qual - ilse ensaia. Se os dedos se afastam ou se écebras: a plateia é sempre cativa abraçam, são sempre a mesma água, célula auracam, sau sempne a mesma agua, cemas, pulmão, a célula, poro a poro, boca, artéria, pulmão, nas zonas mais infantis) em seu joelho: corpo; se planta: dicotiledorea em escorregão. Tuas, à procura dos Juenio. corpu, se pranea. accomecunea en la premio. corpu, se pranea. Os limites deste quintal negativos perdidos e dos poemas que te seduzem: memória do que aigunau eijenaicanu. Os illinies deste São as palarras mais raras: ilecebras. não é mas vem-a-ser: ilécebras. Em outra palavra não seriam tanto o limite como o limiar?

to the que nat extended expante him temor Ripiteres [Na lembrança as "Palavras degeladas", do Gargantua. Como se ditas na língua estrangeira dos sonhos por bocas que não estão lá, são ainda capazes de produzir espanto, riso, temor, hipóteses.] [Pois ao papel tudo voltava.] O papel é uma extensão do corpo tatuada pelo texto? E o corpo, uma extensão do papel, incitado por palavras? Então do papel tudo volta ao corpo e tudo do corpo volta ao papel de onde tudo volta ao co

próximos passos se preparam ao conjugar futuro anterior, passado composto, presente continuo? já estavam escritos naqueles fragmentos amarelos, risonhos, despretensiosos, nos sonhos congelados. a vontade de montar o quebra-cabeça que há muito está guardado de caminhar com os olhos fechados de sentir no pé outro chão, outros sapatos?

Inta.

0

yer em mente e como ae aproximer

de alguen " widgestern

O que há agora nos teus cadernos guardados? Em que recantos o detalhe te é espontâneo?

Teus recados cifrados remetem ao teu futuro? Haveria neles um tipo de pacto, pagamento? Impacto adiantado ou compacto na página? A ausência das duas pessoas onde nos levará? Sinceridade pacífica em todo vão controle? Nossos dedos esquivos acolhem nosso lugar? Os corpos ruminam combustível no repouso? O que são guardados agora os teus cadernos?

Agora em meu caderno está escrito isto: que, na releitura destes improvisos, Conversa descosida que se ensaia, já não me é certo saber que se ensaia, Ja
nouversa
nouversa em cada vez, a sua voz. Pularam do papel para mim: se escrever é sem fim, Paper Para mini: se escrever e sem um, texto termina? Sem min? Coisas que sozinhas não são, porque se são à mesmà coisa, reflexo distorcido no

próximos passos sempre se preparam ao se conjugar todo e qualquer tempo num presente continuo.

mas próximos passos, se fossem legíveis nas micropossibilidades como sonhos congelados

matariam toda vontade e fariam a cabeca para sempre enclausurada

a caminhar com os olhos fechados e o pé no mesmo chão e iguais sapatos.

Há um jogo ao qual se submete - ou jogos, fios em trança, abrem-se uns aos outros? Escrever: dança a dois cujos movimentos não nos foram nunca ensinados? Na desarmonia dos verdadeiros diálogos, paixões inventadas, coceiras na ponta dos dedos: como se sofre o outro para viver junto. Tudo muda e o que fica é a mudança, uma vez que a Meu outro-eu está por che surpresas

vydo na agenda, conversa descosida que

Revista Criação & Crítica n.4, abr/2010

Revista Criação & Crítica n.4, abr/2010

micro

Rosii

hili

Em Limite, o corpo do Homem do Cemitério pertence a Mário Peixoto. A imagem do autor irrompe e com ela resíduos de palavras, os únicos letreiros da fita mutíssima (a Gymnopédie ou L'après-midi lançavam mais ainda o logos ao mar). Como assim o destoar do autor em sua fita? Ou é esse o seu adubo, por não se viver apenas de contraintes e limite? [Por vós esperamos, dizem as fitas de Krapp. Krapp clown, Krapp copromanta.]

Um corpo, assim como o nome que carrega (se ja Ana, François, Julio, Mario ou Samuel), aceita diluir-se (o fato de que suas partes se destinam, é certo, à decomposição). No filme talvez o destoar seja mais visível nos nomes dos créditos. A película, tão frágil quanto pele humana, envelhece. Na fita magnética, o perigo-tentação de passar por cima. Nosso porém: o software sempre renova a página amarela. Em que suporte estão as memórias?

w

EISAPERBUNTA DA QUAL PARTE O

TEAD SORRE A DELA DAS MONAGO

QUE NÃO AMARIAMA: QUAL O SURVERA

DAS MEMORIAS 2 PARA RESANDE LA

AS SEEMINTES COMPETENCIAS DEVEN SER SHINSPETTAS PEW CANDUATO: 1. DSMUNAR O ENTRANE DE SINAIS

No chiscos das trentales de

STATE MIL ANOS ANTES DE

CRUSTO; E. SER DU PRIVAR CATMO

LACTIMENTEL SUBSTITUTE, ALVO DA

MENSAGEM IMPERIAL KAPLIANA.

HU ROSIES BUTTESS SETE

tudo volta ao co rpo que volta ao texto e que volta peregrino, um filho pródigo, um soluço, um sonho reni-💜 turno da fala, uma cheia as marés, um saltador, um ponteiro, um ritornello, um guarda noturno, uma bola, um arco de violino, uma crimorcego, as chuvas de verão.

Atender ao que é pedido seria dar voz a um tipo de sedução ou fazer com que esta sedução se cale? Às margens de rios, como o Amarelo, tudo o que ali foi deixado - de uma natureza mais mineral do que a nossa? - são nossos olhos que buscam uma idade de ouro, que presenciam o caos. Acreditar que tudo são outros, imperador, mensageiro e súdito, não nos faz ler aqui algo que não seja nós. Impossível desgarrar-se da imagem do olho?

Se a imagem do olho está para o olho fora. E no entanto parece que a você também tenha ocorrido: ter em mente é como se aproximar de alguém. Como a Wittgenstein, ao jogar com a pergunta: de se trata "eu ela voltaria como uma agulha, um ritornello... como essa conversa, infinita se o quisessem outros nos, outros fins; infinita, nunca eternizada, amareleçam as páginas ou não, como aqui, porque aqui.

ideia, de uma página que amarela não cabe em si mesta ou da ácida caixa de papelão, para ser inteira se desmembra em

VNPROMANTA

Convite aceito, pensamos que o texto poderia zando, dois temas figurando dois "eus-outros". a intervir. Ficaria na forma de um diálogo, não em uníssono (como seria um texto de duas mãos quer- nós se colocava como provocação. endo fingir ser de uma só).

gostamos da ideia de haver contraintes, regras contrainte: um Samuel, como Beckett, ou um para controlar a extensão do texto e o ritmo Julio, como Cortázar, encenaria uma feliz code trabalho, e também para modular a escrita, incidência. Mesmo assim, hesitamos diante do como restrições gramaticais.

logos, por e-mail, em 10 de janeiro de 2010: tiva do que esse leitor-autor poderia nos ofe-

que não conversássemos fora do texto, nem pesque é um risco para o jogo: jogá-lo até o fim soalmente nem por e-mail, e que toda dúvida se (o jogo toma as rédeas e seja o que for) ou dar resolvesse dentro da escrita ou depois dela. Em um fim ao jogo (os jogadores constrangem as vinte dias, tínhamos 40 turnos de 10 linhas e contraintes)? uma nova questão: como dar a ler? Já tínhamos Contamos com certo acaso controlado: escrito o texto a dois, já éramos outros e aquele a contrainte cotidiana de ser escolhido pelos ou-"nós" já havia se tornado um outro. O texto otros — quem vive junto. perava as inquietações que o motivaram.

situá-las?

Foi então que uma terceira pessoa, deseser um duo: linhas melódicas que vão se cru- jada desde o princípio do trabalho, foi chamada

A ideia de não conhecermos o Outro de

Cogitamos de chamar alguém total-Nessa entrevista de mão dupla, mente desconhecido, escolhido sob uma nova imprevisível e nos deparamos com a vontade Começamos simultaneamente dois diá- de preservar algum domínio sobre a expectanos dias pares, "perguntas" e nos ímpares, "res-recer. Tal hesitação se estendia à própria con-

postas". Durante esses rounds, uma interdição: trainte, não levada às últimas consequências. O

E o outro outro (que era de fato uma Nossa conversa, agora, já tinha se apar- outra) leu-escreveu, escrevendo sua leitura tado do começo. Devíamos nos permitir alterar com contraintes (quadrados intercambiáveis mas um o texto do outro? Como, se já confundía- indissolúveis), oferecendo aos olhos alheios a mos os sujeitos de cada fala? A quem essas voz- fragmentação do quotidiano desta escrita, quees pertenciam? Às duas personagens. E como rendo as rotas perecíveis aos sopros do próximo outro.